

Artes Plásticas

Prêmio Ampulheta e um corajoso pintor

Inegavelmente, a exposição que acaba de se encerrar na Biblioteca Municipal, do Prêmio Ampulheta de 1963, para calendários editados no Brasil, é uma iniciativa digna de aplauso, em que a diretora da Seção de Arte, Maria Eugenia Franco, realizou um brilhante esforço, conseguindo êxito assinalável. Importa, agora, que a continuidade desse esforço no próximo ano tenha uma boa divulgação, para que o Prêmio Ampulheta passe a constituir um estímulo aos nossos gráficos, desde a tipografia aos compositores das folhinhas, desde a escolha dos motivos à sua boa confecção.

Seria necessário, também, que outros prêmios, além do primeiro, fossem atribuídos, porquanto há muita qualidade em vários calendários, que não pode ser premiada, e isso constitui uma desvantagem para o prêmio, cuja denominação não poderia, por outro lado, ser mais adequada. Eficiente a denominação, alcançando o interesse que se verificou, só resta agora que os objetivos buscados pela diretora da Seção de Arte da Biblioteca se ampliem com mais prêmios, de maneira a que não se restrinja aquele interesse, senão que se acrescente, com a possibilidade de premiarem-se outras qualidades e categorias discriminadas num regulamento. Parece-nos que não custaria, à própria indústria gráfica contribuir, com sugestões, idéias e elementos de divulgação, para que tivéssemos, na repetição do prêmio Ampulheta, para o próximo ano, um êxito dobrado do que o que se verificou este ano.

Obviamente, não estamos de acordo com o resultado a que chegou o Juri, mas isso nem sempre é possível, nestas matérias. O prêmio que coube à empresa patrocinadora "Aços Villares", ao projeto de Ludovico Martino, às ilustrações especiais de João Xavier (fotografias da usina) e à impressão da Grafica Lanzara, poderia ser dividido, em nosso entender, com o calendário que obteve o diploma de mérito para a melhor ilustração, porquanto reúne este, mediante a inventiva de Otto Stupakoff, uma belíssima realização, a que não ficam a dever outros aspectos da folhinha premiada. Questões de gosto e de critério. Mas deveria talvez haver mais três prêmios, para cada um dos elementos concorrentes ao bom resultado, parecendo-nos dispensável o atribuído à empresa patrocinadora, já que esta se beneficia tanto do prêmio concedido às outras qualidades, que não lhe caberia mais do que recolher essa vantagem.

Como qualidade de ilustrações, pode-se ainda reclamar alguma coisa mais do que a simples seleção, para as fotografias do Ouro Preto, de João Xavier, como os desenhos coloridos de Aldemir Martins deveriam ter sido mencionados. A Volkswagen realizou uma bela idéia com as fotografias coloridas de quadros de Di Cavalcanti, Panzetti, Heitor dos Prazeres, Lásar Segall e Portinari.

✱

O pintor Sergio Ferro Pereira com uma exposição na Galeria de Arte S. Luís, entrou em contacto com os apreciadores de pintura. Informam-nos tra-

tar-se de um arquiteto. Não há arquiteturas em sua temática e em sua execução. Trata-se de um expressionista, quase abstrato, com um despreendimento total senão uma tendência contra o sucesso. Isto lhe dá uma liberdade de movimentos, que ele utiliza, no duratex pintado, com uma pintura de meios pobres, visando a uma riquíssima valorização de matéria. Infelizmente, seus temas não favorecem o emprego de tanta liberdade. As pinturas falham por não chegarem a dizer mais do que essas manchas vermelhas de carnes destruídas, de muros calcinados, de vísceras lanhadas, de incisões pelas paredes.

Até onde uma tal pintura possa ter interessado, não nos é possível calcular — a estréia é porém audaciosa e reclama uma atenção. Sergio Ferro Pereira precisaria dar mais importância ao suporte, que precisaria ser, talvez, colocado sobre madeira. O duratex não suporta o clima em abandono de parede, como se fora tela. E é fácil dismantelar-se a pintura, já de si lançada com menosprezo evidente à coisa bem feita e bem acabada. De toda a forma, apreciamos a experiência corajosa.

Arte contemporânea